

UM ENIGMA E SUA ESFINGE

Paulo Ribeiro da Cunha¹

RESUMO: Este artigo objetiva o resgate alguns aspectos da trajetória política do General Miguel Costa e o debate sobre a Coluna Prestes, chamando atenção sobre seu desconhecimento tanto na universidade bem como na própria instituição polícia militar de São Paulo. Por hipótese, isto se deve aos poucos estudos sobre a instituição entre os acadêmicos, mas também pelo receio da própria PM Paulista no sentido de apreendê-lo como um policial de esquerda.

Palavras-chave: General Miguel Costa; Coluna Prestes; Esquerda Militar.

ABSTRACT: This essay is targeted to ransom some aspects in General Miguel Costas' political trajectory; and also, the controversial debate concerning the Coluna Prestes. Here the attention is focused on his (the General's) lack of knowledge even in the university matters, as also about the very Policia Militar (Military Police) institution. Considering a hypothesis, this came to happen on account of too few study material on the institution originated by the scholars efforts, but it happened also because the own Policia Militar were afraid that him would be sight like a leftish policeman.

Keywords: General Miguel Costa; Coluna Prestes; Military Leftish.

Decifra-me ou devoro-te.

Passado algum tempo do cinquentenário de seu falecimento em 2009, vale a pena desenvolver alguns tópicos sobre a personalidade de Miguel Costa – mesmo que embrionariamente – decifrando e expondo fatos históricos de sua trajetória política e militar; cuja associação com a esfinge e seu enigma se travestem no desafio de uma compreensão, aspecto este igualmente sugestivo de uma aproximação com a frase em epígrafe que o referencia. Procuraremos neste ensaio chamar atenção para a possibilidade dele ser apreendido em suas várias dimensões, a pessoal, a militar e a política; leia-se, um personagem que é muito citado em livros e discursos, sendo inclusive uma referência de monumentos; mas na verdade, é mais que desconhecido; para não dizer negligenciado pela literatura política e acadêmica. Mas se este ensaio também objetiva pontuar algumas razões de seu desconhecimento pela universidade, um verdadeiro enigma para esta instituição; paralelamente, vale procurar levantar neste diálogo, pistas bem como analisar as razões para seu desconhecimento na Polícia

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais UNESP-Marília.

Militar de São Paulo, especialmente quando esta o confronta como ator político, cautelosamente apreendido da forma acima exposta e que a desafia, por hipótese, como uma esfinge, com enorme receio de ser por ele devorada.

Pretendo assim, privilegiar um enfoque teórico metodológico bem pouco explorado da reflexão política e ideológica que cerca Miguel Costa, aquele que o apreende como um policial/militar de esquerda, um socialista (COSTA, 2009; MACAULAY, 1977). Mas não somente, já que nesta apreensão, ele não é um caso isolado em sua geração e sim, percebe-se que sua trajetória reflete a história de um militar inserido em um arco conceitual da *Esquerda Militar*, e que encontra fundamentação em um conjunto de militares que procuraram intervir politicamente na história do Brasil, norteando e pautando sua ação em vetores morais e políticos (MORAES, 2005).

No debate que o apreende, isto não é pouco e nem é pontual, já que esta foi uma característica daquela geração de *tenentes*; coincidentemente ou não, desconhecidos em sua maioria, ou negligenciados pela historiografia. Tanto é que, sua intervenção no cenário político não remete somente aos tempos da coluna; já que Miguel Costa teria significativa presença em 1932 na formação do PSB - Partido Socialista Brasileiro (COSTA, 2009, 117; MACAULAY, 1977, 231); e posteriormente na fase da redemocratização do Brasil em 1945, também seria um dos articuladores de sua (re)fundação, conjuntamente com outros prestigiados intelectuais de esquerda como Antônio Cândido, Paul Singer. Fundamentalmente, a legenda era uma agremiação de notáveis civis; mas também incorporava em suas fileiras prestigiados militares revoltosos das Revoltas de 1924, como o Comandante Herculino Cascardo (que liderou a insurreição do Encouraçado São Paulo); embora, ao que tudo indica, o PSB não tinha por política mobilizar organicamente os militares ou mesmo incorporasse um Setor Militar, como era a característica deste segmento vinculado ao PCB – Partido Comunista Brasileiro. Mas somente por Miguel Costa ter este posicionamento ideológico à esquerda, indica ainda um aspecto pouco palatável entre os policiais e militares contemporaneamente; e por essa razão, é sugestivo pontuar como hipótese que isto contribuiu para o seu virtual desconhecimento na própria Polícia Militar de São Paulo.

Vale ainda chamar atenção para uma breve reflexão – mesmo que embrionariamente – sobre um outro aspecto articulado ao anterior, que acreditamos,

contribuiu para seu desconhecimento enquanto personagem histórico: o debate sobre a lendária Coluna que fez história no Brasil, e o fato dela não se chamar ou ter o nome Miguel Costa incluso pela literatura acadêmica e política; e sim, em sua grande maioria, ser conhecida por Coluna Prestes. Para pontuar esta última hipótese, tenho por objetivo, dialogar com os alguns autores sobre o tema; procurando resgatar esta produção temática, e mais detidamente, em seguida, estabelecer uma reflexão com aqueles trabalhos desenvolvidos no âmbito dos pesquisadores que procuram contestar esta tese. Vamos por partes.

Inicialmente, sem ter a pretensão de esgotar a problemática em questão, vou procurar abrir um diálogo sobre as razões da Coluna receber o nome de Prestes; e, de certa forma, Miguel Costa ter ficado na história, ao menos para setores mais amplos da sociedade, com um papel aparentemente secundário. Vale dizer que, entre a vasta bibliografia nacional e estrangeira sobre a Coluna, cerca de 20 livros (ou mais); há um número expressivo, se não a maioria que a ela se refere como *Coluna Prestes*; tendo alguns poucos como as memórias de Juarez Távora e João Alberto que a intitulam *Coluna Miguel Costa/Prestes* (TÁVORA, 1974; BARRO,1997). Destacando em contrário com a vasta denominação bibliográfica, há outras leituras com singulares denominações como a de *Coluna Fênix*, dada pelo General Isidoro Dias Lopes; *Coluna Invicta* por alguns, até mesmo Luiz Carlos Prestes, embora comumente ele se referia a mesma como *Coluna Prestes* ou mesmo a *Grande Marcha Revolucionária* (COSTA, 2009, 179; MORAES, 1983, 36; O ESTADO DE SÃO PAULO,1959). Há uma leitura que procura recolocar nova uma contribuição sobre sua titularidade; inclusive posta por vários de seus membros, como o próprio Miguel Costa, que a denominava *1ª Divisão Revolucionária* (COSTA, 2009, 120); em que pese este último tenha se referido a mesma em várias ocasiões como Coluna Prestes. Outras denominações pontuais também se apresentam em livros, sem maiores repercussões no debate.

Na contra-corrente, há a tese de que a Coluna deveria se chamar *Coluna Miguel Costa*, desenvolvida em grande medida, extramuros acadêmicos, conduzida fundamentalmente por historiadores de origem militar, tendo seus livros em comum, uma presença reduzida no debate universitário ou mesmo com uma circulação restrita na sociedade, face a pouca penetração de suas edições. Um deles, mais divulgado, é o livro do Cel. Davino Francisco dos Santos, personagem histórico da Polícia Militar de São Paulo e mais conhecido fora dela pelo clássico *A Marcha Vermelha*, de 1948; tendo escrito depois em 1994 *A Coluna Miguel Costa e não Coluna Prestes* (SANTOS,

1994; SANTOS 1948). De autoria do Cel. e historiador Edilberto de Oliveira Mello, há um ensaio mais recente intitulado *General Miguel Costa* (MELLO, 2000), que articula um resgate histórico do personagem numa reflexão bem próxima daquela desenvolvida pelo Coronel Davino. Por fim, há 02 trabalhos de autoria do Coronel do Exército Gay Cardoso Galvão intitulado *Coluna Prestes, Por quê?*, editado em 1996 tendo o autor um segundo livro publicado em 2006, intitulado *Os oito últimos dias do General Miguel Costa*, com o subtítulo ‘*o legítimo condutor da Divisão Revolucionária que se agregaram os ‘homens do Rio Grande’, Prestes*’; escrito com o Capitão da Pm Hélio Tenório dos Santos (GALVÃO, SANTOS, 2006; GALVÃO, 1996). Deste último, há um texto recente intitulado *General Miguel Costa*, e se não foge a linha do debate anterior quanto a tese sobre a titularidade da coluna, singulariza pelo resgate da figura humana do biografado (SANTOS, 2009). Ao longo deste ensaio, procurarei estabelecer uma reflexão crítico/analítica com estes autores e levantar algumas hipóteses sobre a efetividade de suas teses, denominando esta linha de interpretação como *Corrente Militar*; embora seja importante ressaltar que sua apreensão bem como suas narrativas sobre o processo não são confluentes.²

Há, no entanto, outras razões que podem sustentar a hipótese da Coluna ser intitulada Coluna Prestes e não Miguel Costa. Uma delas, a primeira, salvo pontuais exceções, é a quase total falta de estudos históricos e mais particularmente, reflexões sobre o papel político das instituições policiais militares paulistas como a Força Pública de São Paulo, a Guarda Civil, Polícia Civil e mesmo sobre a atual Polícia Militar de São Paulo. Temos ainda uma segunda hipótese, já que mesmo em um resgate exploratório, sob todos os aspectos, a lacuna biográfica sobre Miguel Costa é ainda maior, especialmente quando comparada há vasta bibliografia sobre Prestes; embora sobre este último, não haja um trabalho que possa ser sinalizado como referência. Mas se por um lado, muitos deles são elogiosos, e datados no tempo, e, contribuíram para o Mito de Prestes, como o *Cavaleiro da Esperança* de Jorge Amado; por outro, não conseguimos localizar nenhum trabalho de referência sobre Miguel Costa, salvo as últimas obras citadas que procuraram preencher esta lacuna.

² Chamo atenção sobre a necessidade desta interlocução com esta nomenclatura, não somente para efeito de um diálogo, ou mesmo pela razão deles todos defenderem a tese da coluna como *Coluna Miguel Costa*; mas também pelo fato de serem pesquisadores militares da reserva ou ativa com vinculação à Polícia Militar de São Paulo ou com o Exército; cuja tese sobre a titularidade não encontra correspondência ou proximidade com este enfoque na literatura acadêmica ou mesmo entre pesquisadores civis.

De fato, sem nenhum julgamento de valor, isto a priori, contribuiu para que a Coluna continuasse ao longo do século XX com o nome de Luiz Carlos Prestes; embora nem ele procurasse e nem é culpado; já que, teve seu nome associado a mesma e a história bem antes dele ser comunista e à sua entrada no PCB, quando a própria instrumentalização de sua trajetória associada a um projeto político veio a ser exponencializada politicamente, para não dizer, ideologicamente (MORAES, 1997, 33; MEIRELES, 1995, 694; MORAES, 1982, 39). É um ponto importante de registro, mas não é o único. A Coluna Gaúcha já era conhecida como Coluna Prestes mesmo antes da formação da 1ª Divisão Revolucionária em Foz do Iguaçu quando houve a junção das forças do Rio Grande e Paulista. Também neste debate não se pode desprezar a biografia de Prestes enquanto militar e político; seja enquanto cadete na Academia Militar (suas notas foram superadas somente nos anos 80); ou dirigente político, quando assumiu posições ideológicas corajosas, especialmente com sua rotação ao marxismo; ao contrário da maioria dos tenentes que aderiu a nova ordem estabelecida nos anos 30. Seus méritos como militar e estrategista naquele processo também são inquestionáveis, tendo se destacado entre combatentes como Siqueira Campos, Cordeiro de Farias, Djalma Dutra, João Alberto entre outros que foram e são contemporaneamente uma referência na história do Brasil. Isto não é pouco, e este Mito sobre o Cavaleiro da Esperança e a coluna com seu nome não se operou no vazio; embora haja a ressalva que, sua competência como militar tenha sido bem maior que a de um político (GORENDER, 1987, 30; VIANNA, 1998, 56).

De qualquer forma, isto não responde, ao menos satisfatoriamente, a indagação da Coluna – em grande medida – ter o nome ou ser reconhecida como Coluna Prestes e não Miguel Costa, apesar de algumas referências importantes em contrário. Seguramente, há outros pontos a serem observados, especialmente quanto a metodologia adotada em vários livros para enfrentar a questão, algo que, como sinalizamos, não está associado a uma total ausência de trabalhos; em que pese sejam poucos aqueles que se referem a ela como Miguel Costa. Concretamente, se os livros e ensaios mencionados no debate proposto em questão, tiveram circulação restrita, especialmente aqueles elaborados pela *Corrente Militar*; estes incorrem no mesmo erro de alguns trabalhos sobre Prestes quanto a sua exposição: pouco objetivos e fundamentados quando expõem o adversário, inflados de adjetivos e julgamentos de valor, e em muitos momentos, suas opiniões não encontram sustentabilidade ou

fundamentação na história nos demais trabalhos consagrados e reconhecidos bem como na documentação disponível.

A priori, partilho de um reconhecimento, que não é isolado, ainda que pouco explorado sobre o papel extraordinário de Miguel Costa na Coluna e na história, sendo legítima a proposta de muitos interlocutores em (re)nomear a Coluna, muitos deles militares como Juarez Távora, João Alberto e Isidoro Dias Lopes (embora alguns sugerindo nomes diferentes) e mesmo válida enquanto projeto daqueles ensaios elaborados pelos historiadores militares; porém quando estes últimos procuram atingir este objetivo (o de valorizar Miguel Costa), incorrem no equívoco maior de minimizar ou desqualificar seus oponentes. Não cabe aqui neste esforço de análise, advogar deles neutralidade e sim objetividade.

Na verdade, às possibilidades de apreensão de Luiz Carlos Prestes e Miguel Costa, há o equívoco metodológico entre os autores da *Corrente Militar*, de uma leitura com viés anticomunista, especialmente em relação ao primeiro (Prestes); mas também, por hipótese, se apresenta em relação ao segundo (Miguel Costa), face ao seu posicionamento político de rebeldia, à esquerda ideologicamente. Este pressuposto não está presente somente como objeto de análise nestas leituras; mas cuja ausência incorre na cultura da própria instituição Exército e Polícia Militar de São Paulo (MOTTA, 2002; CAVAGNARI, 2008); em que pese, não seja um aspecto isolado, permeia ainda outras instituições militares de ensino.

A Coluna Prestes, é objeto de estudo em muitas academias militares no mundo; sendo suas táticas pioneiras e muitas delas, gestadas na práxis; advindas do combatente em ação, em particular daqueles cavalarianos gaúchos que confrontavam as tradicionais táticas doutrina militar incorporadas da Missão Militar Francesa em 1906 na Força Pública de São Paulo; e pelo Exército Brasileiro nos anos 20; mas salvo algumas memórias publicadas como as de Juarez Távora e João Alberto, não há registro de estudos nesta linha realizado por militares historiadores ou mesmo livros editados pela Bibliex – Biblioteca do Exército Editora sobre o tema (TÁVORA, 1974; BARRO, 1997). Curiosamente, esta ignomia encontra paralelismos de exclusão em outros clássicos militares, alguns deles referenciais.

Pouco estudado sob esta ótica, chama atenção para a doutrina militar ali embutida, o magistral livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões* cujas homenagens em 2009 se fizeram presentes em razão do centenário de sua morte. A original estratégia de resistência desenvolvida naquele cenário, salvo engano, seria posteriormente ignorada

por nossos militares como possibilidade; em que pese, já estivesse à disposição deles a espera de uma cuidadosa análise, bastando somente um reajuste de foco para o cenário da guerra (de guerrilha) em movimento da Coluna. Somente Major Bertoldo Klinger (um dos jovens turcos e futuro general em 1932) percebeu o equívoco da estratégia governista no combate à coluna; mas também é difícil no tempo, superar esta dicotomia de um *modus operandi* pautado em um referencial externo. Vale dizer que, as geniais intuições de Euclides da Cunha seriam igualmente ignoradas nas ações militares contra a guerrilha do Vale do Ribeira ou sua possível contribuição como estratégia de combate na Guerrilha do Araguaia.³

Honrosa exceção a esta reflexão, é o livro *A Coluna Prestes: análise de depoimentos*, do historiador e General de Brigada Nelson Werneck Sodré (SODRÉ, 1985). Não coincidentemente, Sodré é bem pouco estudado entre seus pares do exército, para não dizer, um quase desconhecido na Academia Militar das Agulhas Negras - Aman; e isto provavelmente decorra do fato dele ser um historiador marxista e um militar de esquerda. De qualquer forma, também não há registro de um módulo de estudos sobre a Coluna Prestes nesta instituição. Isto se explica pelo fato de que, a única derrota sofrida pelo Exército Brasileiro em combates de baixa intensidade (operações contra irregulares), foi quando se confrontou com a Coluna; e provavelmente, os militares estudarem a Coluna, implicaria no constrangimento de reconhecer Prestes, o chefe militar vitorioso, o brilhante estrategista. (CAVAGNARI, 2008, 34).

Quanto às informações disponibilizadas de como este debate se apresenta na Academia de Polícia Militar do Barro Branco, a simbiose de exclusão com a Aman é surpreendente, já que a Coluna seja como Prestes ou Miguel Costa, mesmo um módulo que enfoque a trajetória de Miguel Costa, não fazem parte das disciplinas de história ali

³Mesmo aspectos técnicos elementares descritos da corporação militar e por ele criticados como o uniforme de talhe europeu inadequado para a luta na caatinga; o exército somente alterou e incorporaria nos anos 90 em unidades especializadas em combate naquele cenário. O interessante é que os uniformes da corporação refletem atualmente a vestimenta do sertanejo – *aquele é sobretudo um forte*, nas palavras de Euclides da Cunha; mas nesta linha, é também valorizada às táticas de guerrilha que foram utilizadas na época; algo incorporado contemporaneamente pelo exército brasileiro enquanto doutrina de resistência para a defesa da Amazônia. Vale registrar que chamo atenção para exemplos acima na perspectiva de análise das operações militares desenvolvidas pela instituição, e não no aspecto político daquelas intervenções em que foram utilizadas, como outras em nossa história (o caso de Canudos por exemplo), até porque muitos foram movimentos de resistência à ditadura militar; entre outros que tinham por objetivo, serem uma alternativa como projetos de superação à ordem capitalista.

ministradas, salvo pontuais referências. São aspectos confluentes e elucidativos para apreendermos a problemática de sua exclusão, e com ela, uma hipótese a ser explorada; em que pese, ainda não responda o ponto central em questão sobre a titularidade: Coluna Prestes e não Miguel Costa.

Percebemos que este aspecto não pode ser dissociado da ignomia que cerca Miguel Costa; embora isto isoladamente também não responda adequadamente a esta indagação; já que sua apreensão não passa por uma única tese; em outras palavras, muitas delas são confluentes enquanto abordam um ou outro personagem. Noutros termos, não se sustenta em nossa leitura, à afirmação de que a Coluna Prestes é referenciada como Prestes por uma construção política com viés ideológico. A Coluna como seu nome é corroborada na literatura acadêmica por historiadores marxistas (VIANNA, 2007; SODRÉ, 1985; PRESTES, 1990); mas, é assim posta por autores que não tem nenhuma veleidade neste campo teórico (MACAULAY, 1977; MEIRELLES, 1995; SILVA, 1971; BRUM, 1994); sendo que, o arco teórico e ideológico sobre a temática é bem mais amplo. Talvez auxilie as razões elencadas na introdução; mas vale pontuar, qualquer que seja o enfoque, é uma polêmica que perpassa o âmbito acadêmico, já que muitos personagens militares que participaram da Coluna sustentam a tese da Coluna como Prestes, o caso de Cordeiro de Farias (Farias, 1981), e em algumas ocasiões assim se refere a ela, o próprio Miguel Costa; embora haja outros que articulam ambos os personagens como Juarez Távora e João Alberto, Coluna Miguel Costa/Prestes (TÁVORA, 1974; BARRO, 1997).

A complexidade deste debate e sua inconclusividade podem ainda ser bem ser expressa numa solitária frase do insuspeito Cel. Davino Santos que, apesar de sustentar a tese da *Coluna Miguel Costa*, em seu livro rende a contragosto às evidências da história, e, entre algumas tímidas considerações, chega a afirmar que, a Coluna poderia – *quando muito* – ser denominada Miguel Costa/Prestes; e nesta linha (ou como Brigada Miguel Costa Prestes), assim se refere à mesma em algumas passagens de seu livro, o Cel. Gay Cardoso (SANTOS, 1994, 58; GALVÃO, 1996, 36-46). Estas últimas referências somam ao debate e contribuem muito à polêmica, já que são expoentes de um pensamento conservador, cujas memorialísticas se inserem como referência na história. Fica então aberta a indagação; ou melhor, qual é o ponto de ruptura; ou mesmo face aos argumentos elencados, se houve algum? Vamos a algumas hipóteses.

Inicialmente, mesmo sem maiores desenvolvimentos teóricos, poderíamos sustentar a legitimidade da tese sobre a titularidade da Coluna como Prestes por vários

enfoques, defensável por conceitos relacionados ao *Imaginário Popular*, ao *Mito* ou mesmo como uma *Lenda*, conceitos ou mediações que nortearam a figura de Prestes e sua trajetória; mas vale registrar, ele não tenha sido o único. Além de Miguel Costa, houve o Tenente Cabanas, uma lenda que fez sua própria história na fase da Revolução Paulista, e mesmo tendo outros personagens admiráveis que se constituem como referências históricas como Siqueira Campos, Juarez Távora, Cordeiro de Farias, Isidoro Dias Lopes, João Francisco. Destes, alguns vieram a ser expoentes marcantes no cenário nacional; outros merecem um resgate; mas centenas deles, ainda são desconhecidos, soldados em sua maioria que, apesar de *atrasados, ignorantes, tinham* – nas palavras de Prestes, *um sentimento patriótico profundo*; e finaliza: *se houve heróis, eles o foram*. (MORAES, 1982, 37).

Em outra linha de análise, poderíamos igualmente buscar a possibilidade de aprender esta problemática através de conceitos como o Carisma, magistralmente construído pelo sociólogo alemão Max Weber que se apresenta na expressão de Dominação Carismática, como reflexo de um tipo ideal sustentando 03 variáveis: a do grande guerreiro, o sacerdote ou do grande demagogo. Não é a proposta em questão, mas nada que não seja um desafio em operar este conceito como possibilidade de análise no cenário político brasileiro, seja á esquerda ou à direita como o Lulismo, o Prestismo, Miguelismo, o Getulismo, o Janismo, o Ademarismo, o Malufismo entre outras.

Por essa razão, vou procurar construir uma reflexão com um outro enfoque teórico e metodológico, procurando articular 02 conceitos muito caros aos militares: o de *Comando* e o de *Liderança*, sendo que, com eles, temos uma possibilidade de aproximação para avaliarmos a razão quase que osmótica da coluna ser intitulada pela maioria dos analistas como Prestes em detrimento de Miguel Costa. Para esta interlocução, vou procurar referências desenvolvidas pelo Estado-maior do Exército (LIDERANÇA MILITAR E PRINCÍPIOS DE CHEFIA, 1991); sugestivas de apreender como estes conceitos são articulados contemporaneamente; e, nesta linha, por hipótese, como teriam sido operacionalizados na intervenção dos militares do exército e da Força Pública; lembrando que este última, era uma corporação militar e não policial. Alias, percebe-se que a própria instituição Exército opera estes conceitos com certa tensão, particularmente o de *Liderança* e o de *Chefia Militar* (associado à esfera do *Comando*, mas que não se articula necessariamente dissociado da liderança); separados em alguns momentos; em outros, conjugados; mas não deixa de surpreender, face aos

apontamentos desenvolvidos, como expressam um conteúdo e uma preocupação na formação do militar em situações de combate.

O conceito de *Comando* chama mais atenção pela institucionalidade legal do cargo que remete a autoridade hierárquica; embora nela possa estar incluso o componente de liderança; mas não necessariamente. Quando apreendemos o conceito de *Liderança*, percebe que o pressuposto de valorizar Miguel Costa somente enquanto comandante; ressalta, em nossa leitura, o argumento e as razões daqueles analistas que sustentaram a tese da Coluna ser chamada de Prestes. O que mais chama atenção mais no conceito último exposto (histórica e analiticamente) é o seu desenvolvimento dado pelo exército, já que é objeto de uma reflexão muito atenta e detalhada; sugerindo inclusive uma preocupação recente e bem mais relevante (leia-se, aspecto mais que necessário a um militar em combate), e que, supera a leitura institucional de *comando hierárquico*. Pode-se inclusive sinalizar que, o conceito de liderança atualmente incorporado expressa uma contribuição e a experiência de ações militares passadas; e, seguramente, muito presentes à época. Em que pese, haja um diferencial no diálogo com estes conceitos para aprendermos a história da Coluna e de Miguel Costa; com eles, temos um ponto de partida para apreender nossa problemática em uma nova reflexão.

Numa apreensão cíclica e um pouco arbitrária, a história da Coluna não pode ser dissociada de 05 momentos. O primeiro deles, é a Rebelião de 05 de julho em São Paulo; o segundo, Rebelião Tenentista no Rio Grande do Sul, quase 04 meses depois (vale lembrar que eclodiram várias manifestações correlatas pelo país, a destacar em Sergipe e Amazonas); o terceiro momento, a junção das Forças Paulistas e do Rio Grande; o quarto, a formação da Divisão Revolucionária e a epopéia que fez história; o quinto e último, o exílio de seus membros. Evidente que, para efeito de análise, não cabe aqui o resgate de todo o processo e sim, alguns apontamentos articulados aos 02 personagens; sugerindo ainda uma indagação: para apreendermos a problemática da história da coluna no recorte teórico/metodológico proposto; como se apresenta o questionamento de Miguel Costa neste processo?

Quando avaliamos a leitura de alguns analistas da *Corrente Militar* sobre sua presença na Revolução Paulista, em especial por aqueles que advogam a tese de que a Coluna deveria se chamar Miguel Costa pela leitura de *Comando*, percebe-se a armadilha conceitual que são engolfados. Em outras palavras, estes trabalhos sustentam a tese que a Coluna deveria se chamar Miguel Costa pelo fato dele ter sido nomeado comandante da Divisão Revolucionária; expondo para sua comprovação, argumentos

um tanto questionáveis. É ressaltado, como exemplo, que sua patente era de Major, portanto superior aos demais militares, em grande medida capitães e tenentes ou no caso de Prestes, também um capitão; ou mesmo que a coluna de São Paulo era mais numerosa, mais bem armada e municada, em detrimento de uma colcha retalhos – a expressão é minha - da Coluna Gaúcha, que em sua maioria, não estava armada, era menos numerosa, para não dizer, uma miscelânea de militares formada por cavalarianos gaúchos civis e mesmo mulheres; contrapondo a organização militar que caracterizava a Força Pública de São Paulo.

Há inclusive o argumento de que não cabe esta hipótese da Coluna ser Chamada de Prestes, pelo fato de não haver nos anais a situação de um militar hierarquicamente superior (Miguel Costa) ser comandado por um de patente inferior (Prestes); ou a analogia de caso, sinalizando que um rio maior não desagua em um rio menor tendo continuidade no mesmo nome. Todos esses autores pontificam este argumento exemplificando ao final com a seguinte indagação: *existe a figura do Tiête desaguando no grande Paraná?* (SANTOS, 1994, 93; GALVÃO, 1996, 27).

Ponderações igualmente dispensáveis como critério de avaliação estão presentes, quando é citado que Prestes quase morreu afogado; este, mais que depreciativo como inútil para efeito de análise, já que Miguel Costa, segundo Cordeiro de Farias em suas memórias (FARIAS, 1981, 114), também não sabia nadar; e outro expoente histórico dos tenentes de 22, Siqueira Campos (que era um exímio nadador), morreria afogado em um desastre de avião poucos anos depois quando voltava da Argentina. Entendo que, com argumentos como estes, eivados de adjetivos dispensáveis, alguns inomináveis; e mesmo julgamentos de valor sobre ambos os personagens, muitos deles carecendo de fundamentos; resultam ao final, mesmo quanto a legitimidade do propósito de provar uma tese, o contrário.

Uma outra assertiva muito utilizada é dizer que a Coluna se chama Prestes pelos muitos preconceitos em relação a Miguel Costa (SANTOS, 1994, 35; GALVÃO, 1996, 25). É um argumento justificável, mas igualmente questionável, já que poderia ou não explicar, contribuir ou não para esta aparente ignomia em relação a trajetória deste último; seja o fato dele ser argentino de nascimento, desquitado ou ser um policial (historicamente mal visto pela população por serem utilizados em repressões populares); mas por outro lado, esta leitura ignora que argumentos como estes foram utilizados em escala muito maior para denegrir a imagem de Prestes; em especial após sua opção pelo comunismo; e mais particularmente depois de 35, quando uma versão daqueles

acontecimentos foi veiculada como fato, refletindo numa política anticomunista no Brasil, que seria quase que uma política de estado, bem como de uma instituição, o Exército (MOTTA, 2002; CAVAGNARI, 2008).

Há ainda apontamentos pouco compreensíveis para fundamentar esta tese, reconhecidamente falsos, como as referências elogiosas a Filinto Muller; personagem muito valorizado em algumas passagens dos trabalhos da *Corrente Militar*; mas é ignorado por eles que é um desertor, expulso da Coluna por covardia e por ser um ladrão (PRESTES, 1991, 179, 180; MEIRELES, 1995, 395). A própria ordem de expulsão dele veio de Miguel Costa, mas curiosamente, num dos trabalhos, é afirmado que o mesmo foi *ingenuamente* manipulado por Prestes ou a *inveja* deste último estava por detrás da assinatura do primeiro no caso da expulsão do Tenente Cabanas (SANTOS, 1994, 62, 89); sendo que, nesta mesma linha, pondera outro historiador, analisando a presença de Miguel Costa no Comício do Pacaembu em 1945; afirmou com todas as letras, que este último tinha sido convencido a participar pelos *asseclas de Prestes*, mas também, *por imposição do mesmo* (GALVÃO, SANTOS, 2006, 75, 76). Isto pouco contribui para somar a verdadeira dimensão de Miguel Costa e seu papel na Coluna, minimizando este último naquilo que é referenciado por muitos analistas que advogam a tese dela com o seu nome, o fato dele ter sido o Comandante. Também não soma para valorizar o que está posto e mesmo refletir sobre sua verdadeira dimensão na história, algo que há tudo por resgatar. E por que?

Pontuar com argumentos pouco confiáveis do tipo que a Coluna deveria chamar Miguel Costa utilizando metáfora de que um rio maior não deságua em um menor tendo continuidade no mesmo nome; é desconhecer que esta possibilidade existe sim, a de um rio menor, menos imponente somar a um rio maior e garboso e continuar com o nome do primeiro. É caso do Rio Tocantins e Araguaia, ao se afunilarem no bico do papagaio, o rio continua com o nome de Tocantins. Avaliar a coluna gaúcha com adjetivos tais como uma coluna de maltrapilhos, mal armados; ao contrário da Coluna Paulista (que também estava em péssima condição após a derrota militar de Catanduvas) é mistificar a história. É muito valorizado por alguns analistas o garboso uniforme da Força Pública Paulista e sua disciplina contrapondo ao sugestivo *Exército de Branca Leone* (a expressão é minha) que vinha do sul; mas desqualificar seu valor de combate

com estes adjetivos ou fazer este tipo de comparação é no mínimo um contra-senso.⁴ Quanto à tese de pressupostos hierárquicos para sustentar a titularidade da Coluna, vale dizer que é também frágil, já que desconhece ou ignora outras situações históricas correlatas. Portanto, não há razão aqui para maiores apontamentos; valendo somente registrar que, sua história da Coluna é somente uma, e nela, há muitas delas nesta história.⁵

Retornando ao argumento proposto, a questão de Comando, como ressaltada e valorizada por vários analistas em relação a Miguel Costa, oculta uma armadilha conceitual que é também política; até porque, minimiza as várias ocasiões que este último expressou sua liderança, de forma até decisiva como veremos em seguida. Se o formos avaliar somente por seu papel como Comandante e nuclear uma avaliação da história da Coluna por este conceito, minimizaremos, para não dizer, desqualificaríamos seu papel na primeira fase da revolução em São Paulo, que é incomensuravelmente maior que os demais expoentes. Nas palavras de Cordeiro de Farias, Miguel Costa era *alma da rebelião em São Paulo (...) E a revolta de São Paulo foi o determinante de toda a arrancada revolucionária* (FARIAS, 1981, 114). Noutros termos, se operarmos somente com o conceito de Comando e isto for pressuposto de titularidade, os méritos da Revolução em São Paulo são do General Isidoro Dias Lopes. Mas vale uma ressalva: mesmo que o conceito de liderança se apresente como centralidade nesta fase inicial da revolução, a liderança da Coluna Paulista teve personagens que rivalizaram ou poderiam dividir seus méritos com Miguel Costa em prestígio e competência, a exemplo dos irmãos Távora, o Tenente Cabanas, o Cel. João Francisco entre outros. Isto, no entanto, não o diminui historicamente, muito pelo contrário o singulariza.

⁴Afinal, somente para ilustrar com exemplos correlatos que demolem esta tese; os vietnamitas, em grande medida magros de vestimenta pobre (muitas de suas tropas nem botas tinham e sim, utilizavam sandálias), venceram os bem armados, municiados e vestidos americanos; e, recentemente, os Talibans, freqüentemente adjetivados desta forma depreciativa, estão vencendo a guerra do Afeganistão. Para não ficar distante de exemplos correlatos de nossa história, os mal armados, municiados e maltrapilhos combatentes de Canudos sustentaram vitoriosamente 03 expedições do exército brasileiro (com corpos policiais de vários estados), somente sendo vencidos na quarta e última quando foram empregados contingentes que chegavam a metade de todo o efetivo da corporação.

⁵ Como aquela do recém promovido General de Brigada Charles de Gaulle, futuro fundador da V República Francesa que, ao romper com o governo colaboracionista do Marechal Petain em Vichy; comandou um amplo movimento político e militar que veio a ser conhecido como Franceses Livres e no seu bojo, teve sob seu comando, muitos generais de patente superior. Do outro lado da fronteira francesa, na mesma época, o Coronel Stauffenberg enquanto liderança, comandou vários generais alemães durante a execução da operação Walquíria. Vários exemplos poderiam se somar à reflexão; mesmo no Brasil há vasta literatura comprobatória de situações análogas. É o caso da liderança sobrepondo ao comando do Tenente Cel. Góes Monteiro em 1930 (promovido meteoricamente em seguida a general); ou a reconhecida liderança de Miguel Costa quando da quase Batalha de Itararé.

Houve no início da revolução em São Paulo, uma passagem em que sua liderança se revelou de sobremaneira ao de comando, podendo recolocar o debate conceitual em outros termos; ou mesmo na linha do exposto. Consta que o General Isidoro Dias Lopes e o Major Miguel Costa divergiram frontalmente quanto a estratégia a ser adotada; o primeiro advogando a tese de saída de São Paulo; impasse que somente foi resolvido pelo abandono da cidade pelo governo estadual (MEIRELES, 1995, 90). Percebe-se que, com este exemplo (e que não é o único); a centralidade da leitura de comando adotado acaba incorrendo em uma desvantagem enorme na construção do nome de Miguel Costa à Coluna quando comparada com Prestes; mas não somente, também contribui (embora não seja a intenção) para o total desconhecimento de sua liderança enquanto personagem na história. E porque?

Qualquer que seja a apreensão das duas colunas até sua junção em uma única Divisão, a 1ª Divisão Revolucionária, a Coluna vinda do Rio Grande do Sul já era a Coluna Prestes, e carregava em seu bojo o nome de seu comandante que ao mesmo tempo a liderava. Os conceitos aqui se afunilam, algo que não se apresenta desta forma na Divisão Revolucionária e mesmo na Coluna Paulista. Isto por si só, é um diferencial e as razões para isto, são várias. Prestes teve sua liderança reconhecida no início do levante e posto no comando, inclusive por militares de prestígio que participaram da Revolta de 22, como Siqueira Campos, naquela ocasião, uma lenda do tenentismo. Muitos que serviam no Rio Grande do Sul ou lá estavam clandestinos, quase que imediatamente aceitaram seu comando e liderança, quando em tese, poderia ser de qualquer um daqueles históricos tenentes. Outros assim se somaram a ele como Cordeiro de Farias, e João Alberto; tenentes que no futuro iriam liderar cada um como comandante, os destacamentos da futura Divisão Revolucionária.

Vale mais uma vez ressaltar, o Mito de Prestes e a titularidade da coluna em vigor não se operaram no vazio. É reconhecido por todos estes históricos tenentes, a eficiência do Batalhão Ferroviário que comandava e que se destacou imediatamente pela disciplina e coesão, algo que não foi corrente nas demais unidades rebeladas. Ele também já era uma lenda entre seus soldados; não somente por suas qualidades enquanto comandante, mas pela liderança – no exposto do conceito anteriormente apresentado - que estabeleceu junto aos seus comandados. Nada que significasse quebra de hierarquia, mas uma outra concepção de comando. Ao que parece, esta última articulação é a adotada contemporaneamente pelo exército brasileiro. Por fim, coube a ele, a elaboração de uma estratégia que se mostraria vitoriosa ao longo da história da

Coluna Gaúcha e seria implementada na Divisão Revolucionária: a Guerra de Movimento que o singularizou nos anais da história como estrategista militar.

Há aspectos importantes que também podem ser mencionados e contribuíram para a tese da Coluna Prestes. Quando houve a junção de ambas as colunas em Foz de Iguaçu e nisto, há certo consenso entre os analistas, qualquer que fosse o estado da tropa e seu efetivo, a Coluna Gaúcha vinha com o moral alto, era vitoriosa em campanha; uma condição que os paulistas não poderiam contrapor naquele momento, não somente pelo desgaste de muitos meses de duro combate, mas particularmente depois da derrota militar em Catanduva⁶. Tanto é que, basta uma análise das fontes citadas, os comandantes dos destacamentos eram todos advindos da Coluna Gaúcha, salvo Juarez Távora; sendo que, ao avaliar o percentual de oficiais de ambas as colunas que efetivamente deram continuidade à luta formando a Divisão Revolucionária, percebe-se que, proporcionalmente, a coluna gaúcha contribuiu com um número muito maior. Há várias razões para entender esta atitude e o conseqüente posicionamento deles, e voltaremos a este ponto em seguida.

Todavia, os argumentos elencados ensaio podem sugerir que a problemática sobre a titularidade da Coluna não se apresenta como um pressuposto de (re)avaliação; ou mesmo reconhece o papel de Miguel Costa somente como um ator secundário, indicando na conclusão subsequente (após todas essas comparações) para a sinalização de um desfecho: a Coluna deveria se chamar mesmo Prestes e não Miguel Costa. Não cabe uma reavaliação deste pressuposto mais ou menos consolidado e nem é meu propósito; este é um outro debate e foge aos limites dessas páginas. Procuramos sim, é articular algumas hipóteses sobre esta problemática enquanto relacionada à trajetória de Miguel Costa e seu virtual desconhecimento contemporaneamente, bem como a ignomia que o cerca; embora esta apreensão e possibilidades estejam ainda em aberto, sujeita a controvérsias. Mas ao que tudo indica, é um fator importante que também contribui para a construção desta esfinge. E qual a razão?

⁶Há uma certa controvérsia quanto às causas da derrota de Catanduva. Historiadores da Corrente Militar, praticamente em bloco, contabilizam o fato da derrota, a espera das tropas que vinha do Sul comandadas por Prestes; porém minimizando possibilidades postas por outros analistas como o fato da opção deles em combater estaticamente no campo do inimigo (mesmo frente ao enorme volume de fogo e homens do Gal. Rondon); ou desconsiderando outras possibilidades de ação que fugiria às rígidas táticas advindas da Missão Militar Francesa; comumente entendido pelos militares como Jogos de Guerra. Evidentemente, embora sejam militares, em grande medida, esta leitura linear e acrítica é norteada pelos pressupostos ideológicos da maioria dos autores em relação a Prestes.

Inicialmente, quero ressaltar que não partilho das muitas conclusões leituras quanto suposto papel ‘*secundário*’ atribuído a Miguel Costa na história, já que suas qualidades como militar são inegáveis, sendo reconhecida e demonstrada em combate. Sua apreensão enquanto personalidade política é algo a ser resgatada, e nela há muitos fatos sugestivos para uma original apreensão enquanto analista e ator político. Seu posicionamento em Foz do Iguaçu no sentido de somar junto com Luiz Carlos Prestes na continuidade da luta é um exemplo, já que, confrontava a decisão de retirada (face ao clima de derrota) de muitos membros da oficialidade paulista (PRESTES, 1991, 173; MEIRELES, 1995, 366). Em sua maioria, foram para o exílio, alguns por doenças ou ferimentos, muitos por desilusão; outros por não concordarem ou estarem dispostos a continuar com a revolução. Desponta neste momento, a figura política do general Miguel Costa. Somente a Coluna liderada por Prestes vinda do sul não poderia sustentar militarmente e politicamente a épica jornada que fez história e isto, em geral, é minimizado, mesmo naqueles trabalhos que advogam sua causa. Ali não somente aparece um comandante militar, mas um líder político. O fato de ele ter sido nomeado comandante é um reconhecimento; mas não implica que a liderança no processo revolucionário não coube a Prestes.

Aqui há que apreender melhor a articulação destes conceitos – Comando e Liderança - em batalha e por esta razão, entendo que não se sustente sua própria nomeação como comandante somente como expressão ou fundamento de um argumento institucional; afinal neste caso, o quadro era, sobretudo político e nisto se expressa uma grandeza pouco explorada sobre Miguel Costa. O fato de Prestes ter sido nomeado Chefe de Estado Maior bem como as peculiaridades que esta função oferece, associada a sua inegável capacidade militar, trouxe a ele o reconhecimento de seus liderados, muitos deles, soldados. Estando à frente dos destacamentos na maioria das situações da Coluna, a notoriedade que recebeu da população por onde passava refletiria no tempo que seu nome fosse associado ao reconhecimento de sua liderança, passando à história a titularidade da coluna. O debate sobre isto é complexo, embora não seja o único ponto a ser destacado.

A própria particularidade da Divisão Revolucionária minimiza – em vários momentos - a leitura de comando e liderança pela via institucional, quiçá conceitual da forma apresentada em muitos dos trabalhos citados. A 1ª Divisão revolucionária como se constituiu e operou em combate não pode ser avaliada pelos critérios de uma divisão de combate regular, e mesmo seu *modus operandi*, não se processou em um cenário de

conflito convencional como demonstra a literatura militar e histórica. Afinal, uma divisão que por si só, se intitula revolucionária, possui nas muitas atribuições de comando, atribuições que são igualmente políticas; em outras palavras, não cabe a leitura de comando naquele cenário como expressão maior ou menor institucionalizada hierarquizada; mas no caso desta divisão, houve uma singular possibilidade do comandante e liderança se articularem no campo de batalha. Mas não somente. Ambos os personagens expressavam particularidades interessantes, e curiosamente, até poderia sugerir a existência de um confronto, inclusive estético. Todos os comandantes eram barbudos, salvo Miguel Costa, o único que conseguia se apresentar barbeado e com um uniforme impecável (quando comparada aos demais comandantes), e com uma postura que se o diferenciava, muito o dignificava. Talvez não pudesse ser diferente. Todos enquanto comandantes de destacamento eram capitães, tenentes de origem e promovidos a coronéis, jovens em média com vinte e poucos anos. Miguel Costa era o mais velho, mas demonstrou ali entre eles inegáveis qualidades de comando como de liderança operacional. Os papéis de cada um - Miguel Costa e Prestes - são bem definidos quando analisados, mas se articularam em Comando e Liderança entre si e entre eles em vários momentos da história da Coluna.

Estes apontamentos, não esgotam esta apreensão. Como ressaltai, Miguel Costa teve em São Paulo uma importante atuação de liderança contrapondo ao do comandante Isidoro; mas também se fez presente como líder decisivo em Foz do Iguaçu no sentido de compor os combatentes paulistas às fileiras da futura Divisão Revolucionária. Mas é no final da história da coluna, bem pouco antes do exílio na Bolívia, que temos um registro digno de nota. Sugestivo de desespero de causa, Prestes tinha elaborado um plano de juntar a Coluna aos garimpeiros e dividi-la em grupos autônomos (MEIRELES, 1995, 599; MACAULAY, 1977, 224, 225). Coube a Miguel Costa, o mérito de salvar a coluna com efetiva voz de comando, e sua postura abortou aquela que seria, sem dúvida, uma aventura inconseqüente que resultaria em um desastre militar. Ali ele demonstrou serenidade em avaliar o cenário político e firmar uma posição, não somente com o peso de sua autoridade de comandante, mas com o reconhecimento de que era uma liderança. Ao que parece, não ficaram seqüelas maiores entre ambos; mas cabe reconhecer por este gesto (que não é singular ou isolado em sua trajetória), sua importância como liderança, sem desmerecer os demais membros da Coluna. Estes fatos remetem a um aspecto importante de sua personalidade, alias, pouco explorado pelas

analistas citados: sua capacidade de avaliação política, que seria demonstrada em várias ocasiões, para não dizer, posta a prova nos anos seguintes.

Para efeito de um resgate subsequente de sua trajetória política e militar, recorremos ao excelente trabalho de Marly Vianna sobre os Revolucionários de 35 e a alguns apontamentos do recente livro de Yuri A. Costa; embora o diálogo Prestes e Miguel Costa sugerido nas entrelinhas deste ensaio, é um objeto temático à espera de uma investigação mais detalhada, já que é um desafio em aberto (COSTA, 2009; VIANNA, 2007). Curiosamente, as trajetórias de ambos possuíam aproximações; militarmente foram os primeiros colocados em suas turmas; socialmente, pelo fato de terem aderido a carreira das armas para auxiliarem no sustento de casa; pessoalmente, terem os dois perdidos os pais muito cedo, bem como tendo mães de referência em suas vidas. Mantendo fiéis às suas origens populares, ao que tudo indica, estas mediações influenciaram seus posicionamentos políticos e ideológicos à esquerda. Mas não somente. Diferente dos demais comandantes da Coluna, que vieram ser não somente adversários, mas inimigos de Prestes; este último e Miguel Costa tiveram carreiras políticas paralelas e de certa forma, confluentes; o primeiro como futuro Secretário Geral do PCB; o último na linha de frente de muitas missões como militar, iniciada com sua adesão a revolução de 30, tendo um importante papel político em vários momentos subsequentes da história do Brasil.

Cabe, no entanto, mais um parêntese: ambos nutriam uma admiração e respeito pelo outro que se manteve inalterada ao longo de suas vidas. Prestes sempre se reportava em entrevistas a Miguel Costa como o Comandante da Coluna (MORAES, 1997, 139; PRESTES, 1994, 195); mesmo quando houve estranhamento entre ambos. Numa ocasião, Prestes estava exilado na Argentina, resistira até então a todas as tentativas de cooptação ensaiadas por Getúlio Vargas; a rigor, ele já aderiria ao comunismo (mas não ao PCB, isso aconteceria somente em 1934 por determinação direta da IC), e conseqüentemente, se distanciava cada vez mais de seus antigos liderados, os tenentes da Coluna; bem como se afastava de seu comandante. Após a derrota eleitoral de Vargas, Miguel Costa apareceu solidariamente ao lado deste último, e que, naquela conjuntura, tinha por significado, apoio político. Quando retornou a Buenos Aires, houve um encontro entre ambos, e consta que as relações se azedaram, ocorrendo pouco tempo depois o rompimento de Prestes com os antigos companheiros. Para este último, estava havendo a utilização do prestígio da Coluna a uma causa que não era aquela que identificava como o projeto para o Brasil, posicionamento exposto

em seguida com a publicação do manifesto ‘*Ao Povo Brasileiro*’. É sua ruptura de fato com os antigos tenentes; embora o respeito deles a Prestes, tenha permanecido inalterado (VIANNA, 2007, 110).

Todavia, ao assumir novas posições, sobretudo sectárias, Prestes não poupou adjetivos pesados aos antigos companheiros que aderiam a nova ordem advinda da vitoriosa Aliança Liberal. Quanto a Miguel Costa, Prestes a ele se referia em seus documentos como o policial, entre outros adjetivos. Embora fosse de fato, membro de uma corporação policial, a referência assim posta politicamente, sugere mais uma desqualificação face à adjetivação posta. Depois de 1930, suas trajetórias são conhecidas, mas não precisou de muito tempo para Miguel Costa se distanciar de Getúlio Vargas – junto com outros desiludidos tenentes -, tendo se afastado um ano depois da Secretária de Segurança de São Paulo e do comando da Força Pública; enquanto Prestes já morando em Moscou, se filiava ao PCB, e planejava a volta ao Brasil no bojo de um processo revolucionário. Esta fase da trajetória política de Miguel Costa está à espera de maiores desenvolvimentos, sendo muito contraditória e polêmica. Talvez até explique o fato dele, ter se posicionado posteriormente contrário à presença de militares ocupando cargos públicos (COSTA, 2009, 114).

Mesmo assim, as trajetórias políticas de ambos se aproximaram e até confluíram em objetivos comuns em 1935, quando estavam na mesma frente de batalha da ANL – Aliança Nacional Libertadora-, embora com posições ideológicas antípodas. Por exemplo, poucos dias antes da entidade ser fechada por Vargas, nas comemorações do 05 de Julho em São Paulo, Miguel Costa adere ao movimento e em discurso publicado posteriormente no Jornal *A Manhã*, lembrou ‘*os heróis de Copacabana e Catanduas e os soldados da Coluna Prestes*’(VIANNA, 2007, 107 A 112). O interessante não foi a afirmação dele quanto ao nome da Coluna; mas a análise da conjuntura política com os desdobramentos advindos da cassação do registro da ANL e sua avaliação quanto as reais possibilidades de uma insurreição no Brasil.

No diálogo entre ambos, Prestes já clandestino no Rio de Janeiro, sinalizava que contava com o apoio de Miguel Costa (apesar das divergências anteriores), pontuava que tinha intenção de reviver com ele a Coluna; e queria o apoio de seus antigos liderados ao processo revolucionário em curso. O interessante foi a resposta do Comandante – sempre em carta – ao antigo liderado, demonstrando uma lucidez em avaliar a conjuntura que faltou à Prestes. Miguel Costa valorizava a questão da aliança, particularmente ao defender-se da ilegalidade dentro da ordem; e por tabela, fez em

carta uma profissão de fé nacionalista bem como negava qualquer ligação com o Partido Comunista. Contestava, no entanto, a pregação insurrecional, despossuída para ele de qualquer base operacional para sua implementação (VIANNA, 2007, 213).

Ao que parece, sua análise de avaliação política, demonstrou acuidade, algo que faltou aos membros do PCB. Ainda chamou atenção ainda para as muitas dificuldades, já que, o fechamento da entidade não encontrou resposta contrária do movimento operário; e, mesmo daqueles oficiais mais comprometidos com a causa, muitos deles presos ou transferidos. Também observou com perspicácia que, a precipitação da palavra de ordem *todo poder á ANL*, analogicamente teria o mesmo resultado de ‘*atirar uma criança desarmada contra um elefante.*’ Como pontua Marly Vianna, Miguel Costa estava disposto de ir à luta, mas sinalizou para uma outra estratégia, sugerindo que fossem organizadas correntes partidárias com o programa da ANL, atuando e intervindo legalmente.

Prestes não levou em conta esta leitura (ele não foi o único a se posicionar nesta linha), mas este é um registro importante e que bem demonstra a argúcia de Miguel Costa enquanto um analista político. Ponderou e avaliou que a conjuntura não era favorável a insurreição, como o primeiro assim afiançava; embora este posicionamento não fosse um caso isolado, expressava coletivamente *o espírito do tenentismo mais à esquerda* cujo projeto revolucionário os comunistas acreditavam estar na ordem do dia. Tanto é que, em seguida Prestes propôs que Miguel Costa assumisse a direção da ANL em São Paulo substituindo Caio Prado Júnior, já que entendia que a condução do processo revolucionário caberia a um militar e não a um intelectual. Miguel Costa deveria ser para Prestes, o chefe em um futuro governo popular em São Paulo; já que, a tomada do poder, nas suas palavras, era somente uma questão de tempo, estando asseguradas para o Cavaleiro da Esperança, as condições objetivas para o levante. Apesar de suas muitas reservas aos desdobramentos pós-cassação da ANL; mesmo assim Miguel Costa foi à luta, colocando em prática a reorganização da entidade via Frentes Populares.

De certa forma, implementou aquilo que recomendou a Prestes (na carta citada anteriormente), lançando inclusive um manifesto em São Paulo assinado por ele e pelo Coronel Melo Mattos. Coincidentemente, sua publicação no diário *A Noite* ocorreu na data da insurreição em Natal. Os resultados do levante naquela cidade e depois em Recife, seguido pelo do Rio de Janeiro são bem conhecidos; sendo que, seus desdobramentos e o advento do Estado Novo, objeto de vasta literatura. Portanto, não

cabe retomar as razões da derrota da insurreição de 35. Isto, no entanto, não teve por significado, o fim de uma atuação política conjunta. Somente a título de ilustração, sem maiores desenvolvimentos, vale dizer que dez anos depois, quando houve a democratização do país, mais uma vez estavam ambos na mesma trincheira da democracia, tendo Miguel Costa prestigiado o camarada de armas Luiz Carlos Prestes no Comício do Estádio do Pacaembu em São Paulo.

Há muito para apreender sobre sua intervenção política nos anos da redemocratização e no interregno democrático entre 1945-1964, mesmo antes de seu falecimento em um programa de televisão em 1959. Alguns analistas nem sinalizam em seus relatos para sua participação nos acontecimentos da ANL de 1935; ou sua presença junto a Prestes em 1945 (ou quando o fazem, fazem pela negação); ou ignoram o fato dele ser membro do PSB, entre outros acontecimentos subseqüentes. O prestígio nesta fase última de sua vida mais pelo esforço em valorizar as forças policiais em São Paulo; mas nem pontualmente registram que ele foi o fundador do *Clube de Oficiais da Reserva da Polícia Militar*; de longe, uma das mais prestigiadas entidades de defesa da categoria policial no âmbito da sociedade civil. Mas não somente. O CORPM é a mais política entre as mais de 03 dezenas de associações de classe correlatas que procuram representar a PM e contemporaneamente, reflete um singular pluralismo político e ideológico (é o local onde se reúnem os Pms cassados pela ditadura militar), sendo democrática, especialmente quando comparada às demais, refletindo o espírito de seu fundador. Longe de esgotar este resgate, há um dado a mais que soma uma reflexão sobre sua intervenção política no cenário nacional, fato este bem pouco conhecido.

No conturbado processo eleitoral pós-morte de Getúlio Vargas, entre a eleição de Juscelino Kubstheck e sua posse, vários movimentos golpistas foram articulados pela extrema direita militar conjuntamente com lideranças civis, a destacar Carlos Lacerda, e a frustrada rebelião do Cruzador Tamandaré capitaneada pelo primeiro junto ao Almirante Penna Boto; seguida pouco tempo depois pela Revolta de Jacareacanga. O fato em registro teria ocorrido pouco antes da posse de JK, sendo que, na ocasião, Miguel Costa estava a postos na sede do 2º Exército, à espera do General Falconieri, vindo do Rio de Janeiro. Este último estava comprometido com a legalidade da posse do presidente eleito (curiosamente, respaldada preventivamente por um golpe branco), e fora enviado à São Paulo com este objetivo pelo próprio Ministro da Guerra Marechal Lott, que procurava articular forças militares leais e assegurar a adesão do ambíguo e vacilante Governador Jânio Quadros à causa democrática. Consta que o General

Falconiere, ao entrar à noite em sua sala, já o aguardava Miguel Costa e com um *sorriso*, disse que havia assumido o comando daquele exército. Face ao (suposto) gesto de rebeldia do comandante legal, Miguel Costa se se impôs e disse: *'eu sou o comandante do 2* exército, Falconieri.'* Este último, se perfilou e com uma continência, e disse: *'às suas ordens general.'* (O DEBATE, 1989).

Ponderações sobre este gesto nada inusitado na história do Brasil, e, correlato a outros momentos de sua trajetória ou da história dos grandes homens podem ser referenciadas. Miguel Costa, ao que tudo indica, ali se encontrava com um camarada de armas em um momento político delicado para dar apoio à luta e que não permitia vacilos maiores; politicamente estavam do mesmo lado, e pela mesma causa; sendo que, o próprio relato do sorriso na face sugere isso. Seu posicionamento foi de enorme coragem pessoal, até porque, o processo descrito acima foi via um golpe de estado, sendo que, naquela ocasião, o quadro militar ainda estava indefinido; mas que bem reflete o seu compromisso histórico com a democracia, mesmo sendo rebelando contra a ordem legal (leia-se contra os governos interinos de Café Filho e Carlos Luz) para assegurar a legitimidade da ordem democrática (a posse de JK). Em que pese, possamos remeter ao debate conceitual sobre Liderança e Comando nos tempos da Coluna; também vale dizer que sua liderança foi imediatamente reconhecida pelo comando institucional-legal do exército em São Paulo.

Afinal, o General de Exército Falconieri, naquela condição, ao bater continência àquele que estava na reserva; subverteu a cadeia tradicional hierárquica; Miguel Costa não era somente hierarquicamente inferior a ele; mas era um militar advindo da Força Pública, uma outra arma. É bem provável que neste encontro, Miguel Costa já tivesse articulado apoios militares entre seus comandados de outros tempos ainda na ativa da Força Pública; estando ali, não somente em seu nome pessoal, mas expressando um posicionamento político – face ao seu prestígio – mas que somava adesões militares daqueles que lhe eram leais e reconheciam sua liderança. O fato em si é pouco conhecido, e as fontes que o relatam são bem esparsas, para não dizer contraditórias quanto a alguns aspectos (WILLIAN, 2005; COSTA, 2009, 118; SANTOS, 2009, 51 - 69; CARLONI, 2005), merecendo, portanto, uma investigação aprofundada; embora vale dizer que, seu posicionamento político e militar, seguramente contribuiu para que o processo democrático ocorresse sem rupturas em São Paulo.

A guisa de conclusão, temos alguns apontamentos para avaliarmos estes questionamentos e no caso, se podemos ou não argumentar sobre a problemática

sugerida em relação à titularidade da Coluna; não esquecendo que ela se apresenta osmoticamente a lacuna biográfica sobre Miguel Costa; bem como a ausência de estudos nas universidades sobre as instituições policiais de São Paulo. Mas sob todos os aspectos, há igualmente uma lacuna em relação a Miguel Costa que igualmente se apresenta como enigma; embora fatores correlatos contribuíssem para a construção desta esfinge. Muitos deles até poderiam ser pontos de partida para a reavaliação dos pressupostos acima elencados e os desafios para apreender esta problemática. E quais seriam?

Primeiro, o fato de Miguel Costa, ter entre suas características pessoais, para não dizer, qualidades, a modéstia, e nunca ter sobre-valorizado publicamente ou minimizado seu papel ou mesmo de seus companheiros de armas; muito pelo contrário. Agiu sempre com discrição e modéstia. Mas há outros desafios em apreender este personagem enquanto ator político. Curiosamente, Miguel Costa se opunha a presença de militares em cargos públicos; o que sugere uma ambigüidade difícil de entender quando confrontado a sua própria trajetória. A complexidade desta questão é exposta numa frase daqueles tempos quando resume com todas as letras *que lugar de militar é no quartel* (COSTA, 2009, 114). Nada mais contraditório com sua história, ambas se destacando justamente por terem se realizado fora dos quartéis; leia-se, construída sobretudo como um rebelde e um expoente do *tenentismo*.

Na verdade, isto pode auxiliar a explicitação das dificuldades da PM Paulista enquanto instituição para apreender o personagem. Contradição maior, impossível, e sem dúvida, é algo de sua personalidade ainda a ser desvelado, até porque, ele pode ser apreendido, mesmo contemporaneamente, como uma referência de rebeldia para toda uma geração de militares que foi literalmente à luta; e que, em graus maiores ou menores, permaneceu intervindo decisivamente no processo político brasileiro. Faltam estudos detalhados sobre sua trajetória; mas isto por só, dignifica sobre maneira esta singular figura à espera de uma biografia, cujo reconhecimento e importância, adveio de várias fontes.

Uma em especial, digna de registro, é o próprio Luiz Carlos Prestes. Como vimos, a própria trajetória pessoal e política de ambos os personagens são confluentes depois da coluna; como também eram ideologicamente à esquerda, e isto tem por significado, ao menos em tese, estarem ou no mesmo plano estratégico de luta pelo socialismo. Após a coluna, suas relações se desenrolaram paralelas, sofrendo ambos campanhas difamatória face aos seus posicionamentos. Miguel Costa depois de 1932,

algo inclusive pontuado em relatos esparsos, mas ainda não satisfatoriamente esclarecidos; e Prestes, após sua adesão ao comunismo e especialmente à chamada *Intentona Comunista de 1935*. Mas em entrevistas e depoimentos, admitiu – mesmo entre linhas, diga-se de passagem - que a Coluna deveria ter incluso o nome de Miguel Costa. Há, sem dúvida, um componente de vaidade pessoal ou político dele em não batalhar mais publicamente por essa causa, afinal, sua explicação para a titularidade remete sempre ao componente popular advindo a associação de seu nome com sua atuação na condição de Chefe de Estado Maior, intervindo à frente da coluna e com uma relação atípica com os soldados; algo que não era original naquela situação, mas uma característica de sua liderança desde os tempos que comandava o Batalhão Ferroviário em Santo Ângelo. Sua versão quanto ao seu nome dado à coluna não é isolada; como vimos, também é corroborada por vários analistas. Ainda assim, grandeza maior seria desnecessária demonstrar, e nela, há o reconhecimento que a história um dia os irmanou no combate; e, embora com posições ideológicas antípodas, mantiveram o respeito e a admiração que poucos homens públicos poderiam legar à contemporaneidade.

De qualquer forma, a questão da nomenclatura da Coluna não é o objeto deste ensaio, e sua reavaliação cabe a outros analistas e estudos; mas procurou-se demonstrar que a problemática sobre a questão - operacionalizada por vários intelectuais em graus maiores ou menores – quando relacionada aos conceitos últimos apresentados (Comando e Liderança), somente reforçam a tese dela, da Coluna ser intitulada de Coluna Prestes, e não o contrário. Vale ressaltar que, qualquer que seja o objetivo de alguns interlocutores da *Corrente Militar* enfrentarem este debate e propuserem sua reavaliação; mas tendo a priori como argumento central, o sentido de desqualificar Prestes (para em contrário, valorizar Miguel Costa), é, em nossa interpretação, contraproducente.

Temos então um segundo pressuposto para avaliação e também uma hipótese, e nele há que se resgatar a centralidade da frase em epígrafe, já que através dela é que se percebe para os policiais militares paulistas, Miguel Costa como uma esfinge à espera de ser decifrada. Talvez haja receio da instituição Polícia Militar em ser devorada por este fascinante personagem político; e qualquer que seja a iniciativa de recolocar o debate sobre a titularidade da Coluna, há que inicialmente enfrentar a lacuna maior sobre a produção bibliográfica (ou não) sobre os autores e atores envolvidos. A biografia de Miguel Costa é bem maior que sua história na coluna, sendo está última somente um componente importante dela, mas não o único; portanto urge um resgate –

que procurei pontuar sobre alguns aspectos, bem embrionários – enquanto trajetória maior. Alias, não é um caso isolado.

Sugestivamente, Luiz Carlos Prestes também chamou atenção para esta problemática, em um evento nos anos 80 na Puc/SP sobre conjuntura nacional e internacional; e nele, sinalizava para um entendimento correlato ao acima exposto quando relacionado à sua trajetória. Naquela ocasião, atuando Prestes em um conturbado processo de transição democrática no Brasil pós-ditadura; confrontado com erosão das experiências socialistas no Leste Europeu e a conseqüente crise no PCB; leia-se, naquela ocasião havia uma agenda política que, no seu entendimento, era bem mais significativa de ser debatida que a história da Coluna, pacientemente e com elegância responderia, ao insistente questionamento de um jovem estudante sobre a epopéia dos anos 20, e, conclusivamente, numa única frase afirmou: *a coluna era arroubos da juventude*. Para ele, a coluna, era um componente de sua longa história política; importante sem dúvida, mas não sua história.

Quanto a Miguel Costa, vale o mesmo pressuposto. Embora não tenhamos a intenção de realizar uma ruptura epistemológica, vale chamar atenção que sua trajetória política e militar tem várias fases, diferenciadas e articuladas entre si, todas ausentes de estudos e válidas como objeto de resgate. Há o Miguel Costa que já demonstrava sensibilidade social e humanista, quiçá, veleidades à esquerda e mesmo socialista se opondo em reprimir movimentos operários grevistas em São Paulo nos anos 20; ou aquele personagem da pouco estudada e conhecida Revolução Paulista, cujo papel nela desempenhado é determinante como liderança; ou do Comandante da Coluna, muito citado, mas também pouco conhecido; como também temos o Miguel Costa do período 30 a 32, quando ocupou vários cargos públicos na interventoria de João Alberto e se afastou tempos depois, permanecendo ainda incógnitas as razões daquela polêmica atitude; mas há ainda o personagem da linha de frente ANL em 1935 em São Paulo, cujas análises indicavam lucidez em avaliar a conjuntura política; ou mesmo aquele que desempenhou um papel importante na democratização, filiado ao PSB, cujas referências são esparsas, mas concretas, igualmente à espera de uma detalhada investigação; e por fim, temos uma passagem importante de sua trajetória que bem sugere o papel político que teria desempenhado nos anos JK, assegurando a normalidade do processo democrático em São Paulo. Nela, este conjunto compõe uma unidade enquanto possibilidade de apreensão; mas não expressa necessariamente uma identidade; ao menos revelada. Como foi apontado, há tudo por fazer, e a diferença maior entre eles é a

ignomia que o cerca quando comparado a mais conhecida história de Luiz Carlos Prestes. E por quê?

Aprender a esfinge com a frase - *Decifra-me ou Devoro-te-*, é sem dúvida, sinônimo de tensões, reações e curiosidades. Não cabe aqui nestas poucas linhas, avaliar qual foi o grau de sua apreensão na Polícia Militar ou mesmo na universidade, embora sob todos os enfoques, sugestivamente é residual em ambas as instituições; mas em relação a Miguel Costa, percebe-se que a frase em epígrafe associada a ele como expressão da esfinge, traduz o receio maior da instituição PM ser devorada por seu desvelamento histórico. Este é o desafio e o ponto central a ser enfrentado, ao menos em um primeiro momento. Afinal, ele se rebelaria contra a ordem no mais generoso espírito de rebeldia dos tenentes, uma geração de militares e policiais que foi à luta em busca do progresso; e que continuou atuando politicamente em várias frentes políticas ao longo das décadas seguintes. Isto, evidentemente, encontra enorme resistência na tradição política conservadora brasileira, muito especialmente numa instituição policial que se articula no sentido de manutenção da ordem e do status quo. Historicamente para um personagem - advindo das classes populares - ingressar no pensamento conservador ou liberal, ou mesmo ser aceito pelas elites brasileiras em outras expressões ideológicas correlatas contemporâneas (em alguns, também de esquerda), somente se viabiliza politicamente após o mesmo ter demonstrado convicções moderadas (MERCADANTE, 1980, 26, 27, 37, 51, 52).

A trajetória política de Miguel Costa, antes e depois da Coluna, desautoriza esta possibilidade. Dado o exemplo como militar a ser seguido; talvez uma referência política para ser mais conhecida; mas seguramente, este (re)conhecimento poderia estimular novas gerações de policiais a pensar e ou intervir politicamente na instituição ou através dela em defesa da sociedade. Para a instituição militar e policial, é uma possibilidade fora de questão; embora haja o desconhecimento ou mesmo a ignorância interna que, tanto policiais da antiga Força Pública e Guarda Civil (bem como a Polícia Civil) continuaram a atuar politicamente nas décadas seguintes àqueles movimentos, e à esquerda; intervindo de várias formas, seja nas grandes questões nacionais ou nas corporativas (BATIBUGLI, 2006); mas nada distante de manifestações análogas, a exemplo dos movimentos grevistas da atual Polícia Militar em 1988; e ou os mais recentes ocorridos com a Polícia Civil de São Paulo em 2009; quiçá entre outros na história que, igualmente como estes, estão ausentes de estudos específicos.

Como foi apontado, não há módulos de estudos sobre Miguel Costa ou a coluna com seu nome para os alunos candidatos a oficiais na Academia de Polícia Militar do Barro Branco; tampouco algo nesta linha no CAES - Centro de Altos Estudos de Segurança "Cel Pm Nelson Freire Terra", prestigiada instituição para militares de patente entre Capitão, Major e Ten. Coronel; passando evidentemente ao largo e distante de qualquer referência ou debate junto aos policiais da Escola Superior de Sargentos ou das várias Escolas de Soldados espalhadas pelo Estado de São Paulo. Até mesmo pontuais iniciativas, embora importantes, não tem repercussão significativa na corporação. Tanto é que, apesar de ter estátuas, bustos em várias unidades policiais do estado (muitas delas, fornecidas por admiradores), e mesmo seja uma referência paradigmática para a cavalaria da instituição; somente em 2009, Miguel Costa teve uma turma de formandos de oficiais na PM como paraninfo; tendo outra de soldados com seu nome no mesmo ano; e em 2010, uma formatura de majores do CAES. Todas bem recentes no tempo. Mas coincidência ou não, o público de policiais presentes no pioneiro Seminário Miguel Costa organizado pelo Museu da Polícia Militar no ano do cinquentenário de seu falecimento foi extremamente reduzido.

Ao que tudo indica, o receio maior que transparece está própria PM de São Paulo, e seguramente remete ao perfil ideológico de Miguel Costa – um socialista - cujas atitudes políticas intervindo como militar de esquerda naquele processo histórico não violentou a própria consciência; muito pelo contrário, foi coerente com ela ao longo de sua vida, associando um pressuposto de rebeldia à esquerda característico dos *tenentes*. Mesmo que os programas das revoltas de 1922 e 1924 não ultrapassassem uma reflexão liberal radical, e, seu projeto poderia encontrar bases teóricas consistentes desde os primeiros clássicos, enquanto um posicionamento do direito de resistência como pressuposto de legitimidade; ou do direito à rebelião contra um governo que não respondesse mais aos anseios do povo e da sociedade; em nossa interpretação, sua fundamentação é melhor explicitada e apreendida no Brasil enquanto ele inserido no arco conceitual de uma Esquerda Militar, exposto na introdução. É um impasse não equacionado contemporaneamente, entre a legitimidade de um posicionamento político e a ilegalidade de uma atitude numa instituição pautada por normas castrenses.

Vale mais uma dizer que, Miguel Costa não foi o único militar a se posicionar desta forma e intervir politicamente na sociedade contra a ordem conservadora ao longo do século XX; com ele encontramos muitos militares das forças armadas e policiais da Força Pública e Guarda Civil de São Paulo. Este princípio que legitima sua intervenção

política em várias ocasiões no Brasil no século XX é ainda muito contestado; e, mais ainda quando relacionado a Esquerda Militar, as quais ele é uma referência a ser resgatada; correlata a um posicionamento político e ideológico ainda pouco palatável numa instituição conservadora como a Polícia Militar. Decifrado este enigma que igualmente expressa uma esfinge, é um desafio; já que se percebe que, a intenção da instituição PM é que a esfinge fique como está, não seja maculada, sugerindo preferencialmente sua apreensão como uma estátua grega, daquelas muito belas que não se permitem retoques tão perfeitas são suas linhas. Talvez, seja este o ponto de partida necessário a ser superado; valorizar um resgate biográfico daquele que foi ao longo de sua vida, sobretudo um rebelde, e apreender seu papel político na história para então somar uma nova reflexão sobre a coluna; um componente de sua trajetória; importante, sem dúvida, mas não o único de registro. Além de ser um desafio, é igualmente um outro debate.

Referências

- BARRO, João Alberto Lins de. *A Marcha da Coluna*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.
- BATIBUGLI, Thaís. *Democracia e Segurança Pública em São Paulo (1946-1964)*. Tese de Ciência Política apresentada no Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2006.
- BRUM, Eliane. *O Averso da coluna: uma repórter refaz, 70 anos depois, os 25 mil quilômetros da Coluna Prestes*. Porto Alegre: Artes e Ofício Editora, 1994.
- CARLONI, Karla Guilherme. *Forças Armadas Democracia no Brasil: o 11 de Novembro*. Dissertação de Mestrado em História Social pelo ICHF/UFF da Universidade Federal Fluminense, 2005.
- CAVAGNARI FILHO, Geraldo Lesbat. *Prestes, Os Militares e o PCB*. Cadernos do CEDEM, ano n* 1; Janeiro de 2008.
- COSTA, Yuri Abyaza. *Miguel Costa: Imagens de um herói Brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.
- CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Um olhar à esquerda: a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan: Fapesp, 2002;
- DORATIOTO, Francisco. *Escrever a história do grande personagem histórico* in. PRIORI, Ângelo (org.). *História, Memória e Patrimônio*. Maringá: Eduem, 2009.

FARIAS, Cordeiro de. *Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias*. Aspásia Camargo, Walder Góes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GALVÃO, Gay Cardoso. *Coluna Prestes, Por quê?* Campo Grande: Cooperativa Autônoma de Promoção de Autores, 1996.

_____; SANTOS, Hélio Tenório. *Os oito últimos dias do General Miguel Costa (o legítimo condutor da Divisão Revolucionária que se agregaram os 'homens do Rio Grande', Prestes)*. Campo Grande: Cooperativa Autônoma de Promoção de Autores, 2006.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*, São Paulo: Ed. Ática, 1987.

LIDERANÇA MILITAR E PRINCÍPIOS DE CHEFIA: Estado-Maior do Exército; portaria nº 088-3ª SCH/EME, de 19 de setembro de 1991.

MACAULAY, Neil. *A Coluna Prestes: revolução no Brasil*. Rio de Janeiro, Difel, 1977.

MELO, Edilberto de Oliveira. *Miguel Costa*. São Paulo: CORPM, 2000.

MEIRELLES, Domingos. *As Noites das Grandes Fogueiras: Uma história da Coluna Prestes*. Rio de Janeiro, Record, 1995.

MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MIGUEL COSTA, O GENERAL DA DEMOCRACIA. O Debate – Ano VI, Outubro – 1989.

MORAES, Dênis; Viana, Francisco. *Prestes: lutas e autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____ *Prestes com a Palavra: uma seleção das principais entrevistas do líder comunista*. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORAES, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil: da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 - 1964)*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2002.

NOTAS A UMA ENTREVISTA SOBRE A COLUNA PRESTES. O ESTADO DE SÃO PAULO, 23 de agosto de 1959.

PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

SANTOS, Hélio Tenório. *O General Miguel Costa*. A Força Policial, ano 16, nº 62, junho de 2009.

SANTOS, Davino Costa. *A Coluna Miguel Costa e não Coluna Prestes*. São Paulo: Ed. Edicon, 1994.

_____. *A Marcha Vermelha*. São Paulo: Saraiva S.A, 1948.

SILVA, Hélio. *A Grande Marcha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965

_____. *A Coluna Prestes: análise de documentos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

TÁVORA, Juarez. *Memórias: Uma vida e muitas lutas – da planície à borda do altiplano, vol. 1*. Rio de Janeiro: Bibliex/Livraria José Olympio Editora, 1974.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras/Expressão Popular, 1992, 2007.

_____. *Luís Carlos Prestes*. Revista Novos Rumos, ano 13, n* 27; IAP/IPSO, 1998.

VIVIANI, Fabrícia Carla. *A Trajetória Política dos Tenentes enquanto Processo: do Forte de Copacabana ao Clube 3 de Outubro (1922 -1932)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência Política da UFSCAR/2009.

WILLIAN, Wagner. *O Soldado Absoluto: uma biografia do Marechal Henrique Lott*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

Recebido em 15 de março de 2013

Aprovado em 30 de abril de 2013